

**ARBITRARIEDADE E CONVENCIONALIDADE
DO SIGNO GRÁFICO**

Maria Lucia Mexias-Simon (USS)
mmexiassimon@yahoo.com.br

Ao se indagar sobre a origem da linguagem oral, citam-se teorias já conhecidas e mais ou menos prováveis: sistematização dos bradas espontâneos, imitação dos ruídos da natureza, (vento, chuva) das vozes de animais, dos sons mecânicos do uso de ferramentas, como fazem as crianças imitando o ruído dos automóveis, ao brincar com seus carrinhos de brinquedos. O mais certo é que todos esses sons tenham convergido a um sistema codificado, com perda gradual da motivação e aceito convencionalmente por toda uma comunidade, maior ou menor em número de falantes.

Com o surgimento das trocas entre as comunidades, ocorreram os chamados empréstimos que, de resto, continuam a ocorrer, contribuindo para um maior afastamento de uma possível motivação inicial e de sua arbitrariedade. Por milênios, não se sabe exatamente quantos, a linguagem permaneceu em estado oral, efêmera, limitada ao receptor próximo, no tempo e no espaço.

Por desejo de imobilizar a linguagem oral, transmiti-la a receptores futuros, para satisfação do próprio emissor, fixação de sua memória e aumento do número de receptores, recorreu, o homem primitivo, a procedimentos vários que, emudecendo a linguagem oral, fixou-a nas mais variadas formas.

Foi tão importante invenção, que divide os povos em duas fases: pré-história, sem escrita, e histórica, com documentos escritos sejam como forem. Não há história sem textos, mesmo em sua forma mais singela. Os códigos jurídicos e religiosos orais foram sendo substituídos por códigos grafados; a literatura registrada foi, gradativamente, competindo com a tradição oral, lendas, mitos, ampliando-os e divulgando-os. Os contratos orais necessitaram um registro visual que os sancionasse.

Novamente, quando se indaga do surgimento da escrita, citam-se os desenhos em paredes de caverna. É uma forma de expressão visando a fixar e reproduzir a linguagem falada, fazendo-a manifestar o pensamento e atravessar tempo e espaço. É natural que o homem deseje immortalizar momentos marcantes de sua vida, assim como registrar, de forma organi-

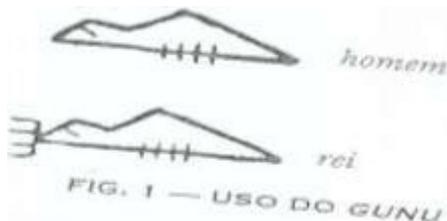
zada, suas relações entre si e com as forças divinas. Para os registros administrativos há várias formas como entalhes em árvores, cordas com nós, envio de objetos etc.

Antes dos signos visuais próximos, aparecem tentativas de sinais ao longe, visuais ou auditivos (tambores, fumaça, sinais com as mãos etc.).

Mas, até aí, não se pode falar em signos linguísticos, pois lhes falta a convencionalidade e a imutabilidade na representação. Seria preciso estabelecer um sentido prévio aos sinais, sistema aceito pela comunidade e que permitam grafar uma sentença, não apenas signos esparsos. Por outro lado, esses sinais tentavam representar a coisa e não o nome da coisa, já afastado de sua motivação inicial, se é que essa existiu. Sobrevivem na chamada escrita ideográfica, usada, por exemplo, pelos chineses. Esse sistema resulta da partição das sentenças em palavras, como as escritas silábicas e alfabéticas resultaram da partição das palavras em sons. Traduzir essas escritas, quando também não se conhece a linguagem oral do povo que a usou, é extremamente difícil, a não ser em caso de textos bilingües.

O sistema de escrita mais antigo conhecido em documentos é o sistema cuneiforme, em forma de cunha, assim chamado por seus traços angulares, gravados em blocos de argila, com instrumento de madeira. Esse sistema foi usado pelos sumérios, habitantes da Mesopotâmia, nos IV e III milênios AC. A linguagem oral desse povo é mal conhecida, sua origem é controversa. Essa imprecisão leva alguns cientistas a levantar a hipótese de que todas as escritas do mundo teriam a mesma origem, tendo sido, nos primórdios, escritas de palavras.

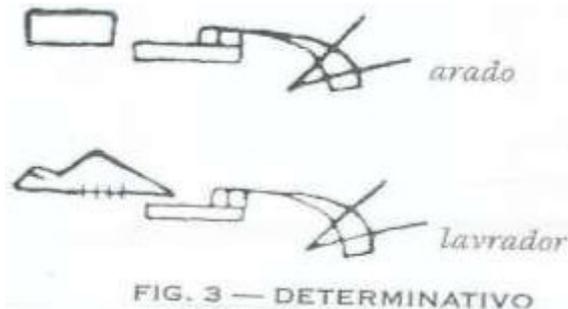
Do que se falou, observa-se que toda escrita necessita, evidentemente, de um sistema de linguagem oral anterior, um suporte e um instrumento para gravação ou pintura. A pedra, por sua resistência, foi um dos materiais mais adotados. Além desse, usavam-se blocos de argila, peles de animais, casca de árvore, conforme o oferecido pela natureza circundante.



Quando o suporte tomou a posição horizontal, dos blocos de argila, o desenho, o ideograma, tornou-se também horizontal, assim como a escrita, e da esquerda para a direita, facilitando a decifração. Por economia, passaram-se a usar traços reforçando uma ideia



Outro procedimento foi a justaposição de dois sinais para exprimir um terceiro, num jogo que hoje chamaríamos paradigma e sintagma (na escrita, já que, na fala, tal jogo é inerente).



A escrita dos sumérios foi adotada por outro povo mesopotâmico, os acádicos, o que trouxe uma dificuldade a mais já que sua língua era diversa, pertencente ao ramo semita. Os sinais sumerianos foram adotados por seu valor ideográfico e seu valor fônico. Nessa escrita, que chegou até o século I DC, foi vazado o famoso código de Hamurabi e chegou a se prestar à correspondência com egípcios e à adoção por outros povos.

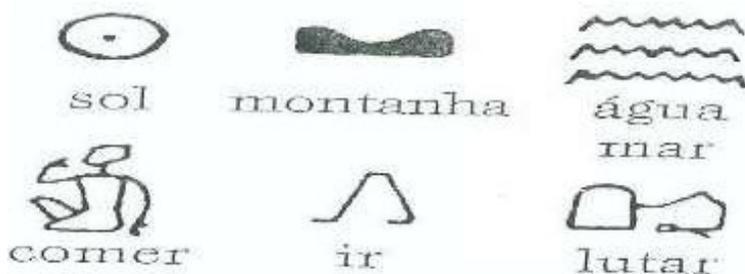


FIG. 5 — HIERÓGLIFOS

Da mesma forma que a escrita sumério-acadiana, a escrita egípcia era uma escrita de palavras. Porém essas podiam ser divididas em seus elementos fônicos, a maneira das nossas cartas enigmáticas. Com já faziam os acádicos, um sinal podia representar uma coisa, ou o som do nome da coisa. Era registrada de maneira vertical ou horizontal, da esquerda para a direita, ou vice-versa. As figuras, geralmente, estão voltadas para a margem esquerda do suporte.

	m	coruja		r	assento
	n	água		z	corda
	r	boca		d	mão
	k	cercado		q	serpente

FIG. 7 — SINAIS EGÍPCIOS COM O VALOR DE CONSOANTES ISOLADAS

A escrita alfabética, ou apenas consonantal, portanto, aparece, em forma inicial, entre os egípcios, estendendo-se aos povos vizinhos, reduzindo-se em número de sinais, sendo aceito terem os fenícios, no segundo milênio AC, estabelecido seu alfabeto com cerca de 22 sinais. O cruzamento das civilizações dificulta um traçado exato da origem desse alfabeto, vendo alguns forte influência egípcia, outros, uma criação inédita, superado o esforço da notação fônica.

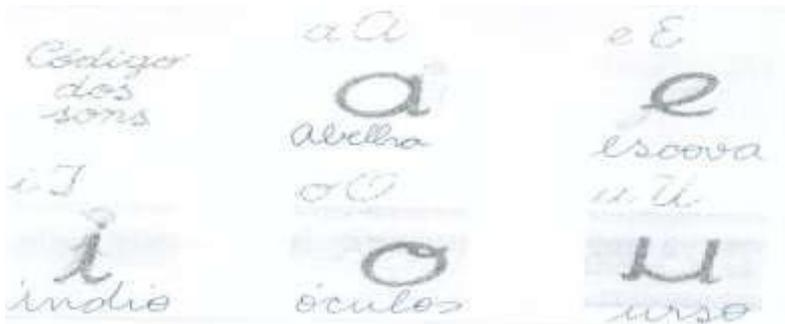
Tendo sido o alfabeto fenício a base do alfabeto grego e esse a base do alfabeto romano, mostramos alguns sinais já gregos, com o som de que se originaram nos sinais fenícios.

Letra Grega	Som norte-semítico	Interpretação
α	alef	Cabeça de boi
β	bet	casa
Δ	delt	porta
H	het	cerca
K	kaf	palma
M	mem	água
O	ain	olho
P	re	boca (?)

Transpondo aos nossos dias, apresentamos método de alfabetização usado, com espantoso sucesso, nos anos 70, na Escola Estadual Santa Rita, município de Vassouras.

As letras, iniciando-se pelas vogais são associadas a um objeto cujo nome inicia-se com a referida letra e, além disso, tem seu desenho, um tanto estilizado, associado ao desenho da letra, seu grande diferencial. Infelizmente, o uso de tal método foi banido e voltamos a alto índice de reprovação nas séries iniciais.

Apresentamos exemplos de símbolos, com suas associações:



Com essa observação, voltamos á indagação de que teriam todas as escritas uma origem motivada, mesmo não tendo uma consciência das outras, até por referências diversas de uma cultura a outra. Essa motivação terá se perdido de tal forma, que seus resquícios são tidos como fantasiosos, mero recurso mnemônico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KÖNIG, Werner. *Atlas zur deutschen Sprache*. Berlim: DTV, 1978.

OLIVEIRA, José Teixeira de. *A fascinante história do livro*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1984-1995, 4 vol.

MEDEIROS, Maria Amália Montela. *Vassouras, história local e o Colégio Estadual Santa Rita: marcas de um tempo*. Vassouras: Edição do Autor, 2009.